



MONUMENTO Á MEMORIA DE WALTER SCOTT.

SEM duvida que foi Walter Scott o principe dos modernos romancistas, e que fez uma revolução nesse genero de litteratura, introduzindo os romances historicos (1), isto é, os quadros ao natural de certas epochas, caracterisadas em costumes, opiniões e preconceitos. As obras deste escriptor, dotado de viva e mui fecunda imaginação, espalharam-se por toda a Europa, traduzidas em varios idiomas (2); foram lidas com gosto e acolhidas com enthusiasmo. Scott é um colosso litterario; poucas reputações ha tão assentadas, sendo estabelecidas ainda em vida dos auctores:

(1) Romance era antigamente uma peça de poesia, de ordinario com toantes: tambem significava a lingua vulgar: hoje porem damos esse nome ás novellas fundadas em factos historicos, posto que os francezes o applicam indistinctamente a todas as novellas.

(2) Em portuguez temos alguns romances. Dois destes, o Ivanhoe e o Quintino, estão primorosamente traduzidos pelo Sr. A. J. Ramalho e Souza: vid. a pag. 134 do 2.º vol. e 128 do vol. 3.º

os seus compatriotas o estimaram, e depois da morte lhe tributam preclaras honras. Alguns monumentos lhe erigiram; a subscrição para o inaugurado em Edimburgo subiu a vinte e quatro contos da nossa moeda. A gravura precedente mostra o que foi levantado em Glasgow, para o qual se ajuntou a quantia de 4:800:000 r.⁵: está situado na praça de S. Jorge, no coração da cidade, onde já estavam as estatuas de bronze dos mais illustres cidadãos da mesma, John Moore e James Wat: consta de uma alta columna dorica com a estatua na summidade: a base é obra de bom gosto, o toro ornamentado e o fuste de meias canas, o abaco é liso, mas o acrotério no centro deste é revestido de adornos e serve de base á figura: o illustre escriptor escocez está representado com o trajo do seu tempo, que o esculptor preferiu ao usual anachronismo do vestuario romano ou grego. A 1.^a pedra foi lançada em Outubro de 1837, assistindo á cerimonia as principaes auctoridades e os membros do collegio da cidade.

Walter Scott nasceu em Edimburgo, antiga capital da Escócia, aos 15 de Agosto de 1771; sua ascendência era de sangue nobre, e seu pai seguia a profissão honrosa de juriconsulto para a qual destinava o filho: mas este interrompia os estudos de Direito para observar a natureza picturesca do seu paiz natalicio, e recopilar em aventureiras excursões as cantigas, romances e tradições populares: viva impressão lhe fizeram as paisagens da Escócia, e os lances poeticos da historia deste reino; nos seus largos passeios estudou os costumes, preconceitos, e recordações dos habitantes; revolveu as antiguidades da sua patria; e foram esta inclinação e este estudo as fontes a que devemos os seus copiosos escriptos. Outra influencia lhe captivou tambem na mocidade a imaginação e o espirito; fallámos da litteratura allemaã: associou-se a cinco ou seis mancebos, seus collegas, para aprender a lingua de Goethe e de Schiller (3); e pouco depois tentou a imitação de algumas ballatas allemaãs e uma traducção do Goetz de Berlichingen. Compoz dahi a algum tempo o poemeto de Glenfilas e outro, suas primeiras obras originaes. Mas [como elle proprio refere] o bom exito das suas fadigas litterarias prejudicava a sua carreira, e os demandistas fugiam de um homem apontado como pesquisador acerrimo de xácaras nacionaes e germanicas. Alem da decidida propensão para a litteratura, outra causa o removia da profissão em que fôra educado, e vinha a ser a paixão pelas viagens ás mais notaveis localidades do paiz. A sua infancia foi enferma, mas dos quinze annos por diante com a residencia no campo fez-se robusto; e posto que era coxo caminhava bem e andava muito, frequentando as paragens mais desconhecidas e menos accessiveis da Escócia. Nessas jornadas adquiriu o manancial d'inspirações, que produziu de 1802 a 1814 a deliciosa serie de poemas, que se intitulam: Sir Tristram, Marmion, a Dama do lago, o Lord das ilhas, Rokeby; que obtiveram esplendido favor do publico, e foram pagos ao auctor com largueza pelos livreiros inglezes. A esse tempo Walter Scott era scheriff [especie de magistratura] do condado de Selkirk, e pai de familias, tendo casado em 1798 com miss Carpenter, senhora de muito juizo, e digna esposa do illustre escriptor. Em 1814 renunciou a compor em verso; o grande e merecido credito de um rival formidavel que appareceu a disputar a palma [Lord Byron] o determinou a esta resolução; lançou-se na carreira de romancista, começando anonymamente com o Waverley, que teve prodigiosa voga, bem como os romances que se lhe seguiram, como é geralmente sabido. Espantosa é a copia de obras, que imprimiu neste genero; de seis em seis mezes publicava uma, revestidas todas do atractivo da variedade, com exacção nos costumes e nas descrições quasi todas icasticas, com singular propriedade no estylo dramatico, sempre conveniente, sempre adaptado ás personagens. Considere-se que o auctor tinha então o laborioso encargo de um logar, que correspondia a secretario de uma Relação ou tribunal superior de justiça, que desempenhava com pontualidade. As suas obras renderam-lhe mui avultadas quantias; mas a quebra do seu editor, em o negocio do qual trazia importancia de dinheiro, prejudicou-o a ponto que lhe foi preciso recorrer á grandeza d'alma, que o distinguia, e a um trabalho assiduo, que poucos supportariam, para satisfazer com o rendimento litterario da sua elegante penna aos contractos e empenhos, em que a fatal quebra o envolvia.

(3) Vid. a respeito do primeiro destes celebres auctores a pag. 321, e a respeito do segundo a pag. 389, do vol. 3.º

Conseguiu-o com efficacia e perseverança superior a todo o encomio.

Abbotsford era a residencia válida do illustre escriptor; e o tempo, que elle podia dispensar dos seus trabalhos judicarios, empregava em cultivar e fertilisar esta propriedade, que hoje tem nomeada na Europa. Um auctor que privou muito com Walter Scott, ou frequentou amiudadas vezes a sua pousada hospitaleira, intitulou uma obra curiosa, que deu á luz, *os serões de Abbotsford*. O poeta, o antiquario, o romancista, era tambem agricultor habil: conhecia e estudava a natureza, como seus escriptos revelam: servirá de prova um breve trecho, ácerca da formação da terra vegetal, que inserimos a pag. 406 do 3.º volume. Ha na *Revista d'Edimburgo* um artigo de Walter Scott, sobre a cultura dos jardins e hortas, que demonstra os conhecimentos que elle possuia na materia, e a pratica consummada que tinha. No mesmo jornal lêem-se outros artigos seus, todos interessantes, quer sobre critica litteraria, quer sobre antiguidades. Combateu as superstições na obra da *Demonologia*: escreveu a vida de Napoleão, ainda que parcial fosse, como era natural naquella epocha; e largo seria o catalogo de seus escriptos, se os quizessemos referir todos.

Os desejos de restabelecer os seus rendimentos e bens, defraudados pela quebra dos livreiros, em que se achava implicado, constringendo-o a trabalho assiduo, tanto mais quanto era elle homem folgazão, amigo da mesa e da convivencia da sociedade escolhida com quem vivia, attenuaram a sua saude em idade, que já requeria mais descanso e cautelas. Os medicos lhe aconselharam uma viagem á Italia; partiu a gozar a influencia do clima excellente de Napoles; mas a benigna temperatura desta região não pôde remoçar o velho, nem prolongar o curso de uma existencia repleta de prodigios de talento, quanto é possivel fazer-se no praso da humana vida. — Walter Scott quiz findar seus dias na sua habitação válida; transportaram-no ao seu castello de Abbotsford. Depois de longa e dolorosa agonía, em que se mostrou sempre sereno, e resignado com a divina Providencia, expirou, na idade de 62 annos, aos 21 de Setembro de 1832. — Geral sentimento, até fôra do seu paiz, honrou as cinzas do homem, que delectára com seus escriptos a quantos o lêram, e sem offensas da moral; as suas obras são admittidas no intimo das familias.

Estava viuvo havia annos: deixou quatro filhos: o primogenito, major de um regimento d'hussares, fez um bom casamento: a filha mais velha casou com M. Lockart, director da *Quarterly Review*, e auctor de escriptos e romances notaveis.

D. ALONZO.

(Continuado de pag. 295)

Houve uma breve pausa. O hospede parecia tomado de indignação e magua: mas dahi a pouco proseguiu com esta narração:

— “Ia elrei caminho de Toledo; acompanhavam-o o estribeiro-mór e mais alguns senhores da cõrte: n'um repente perdeu a cõr, nutou sobre a sella, apenas deu tempo a acudir-lhe para que não cahisse: os que o seguiam o levaram em braços para a beira da estrada, mas achava-se já hirto e frio, e como os seus fieis servidores chorando o rodeassem, sem poderem atinar com a causa de mal tão subitito, disse tão somente tenteando com a mão entre a veste e o peito, como quem buscava alguma cousa:

—“Ai o ramilhete, . . . o ramilhete.” E n'um momento deu a alma ao creador. Entre as pregas da camisa se lhe acharam alguns pés e fragmentos de flôres já murchas. Uma mulher com apparencia de mendiga lh'as apresentára ao sahir de Madrid, e pela offerta recebêra boa esmola: as flôres estavam impregnadas de peçonha, e o aroma que o monarcha aspirou era mortal.

—“Da mesma fórma Joanna d'Aragão envenenou em outro tempo o principe de Viana” — disse o conego, que escutára a relação do facto com taciturna e merencoria attenção.

—“Morto elrei [proseguiu o outro], lhe cobriram com um manto o cadaver, e os fidalgos o ficaram guardando até que chegasse o clero! Quem sabe porem se D. Affonso 12.^o terá uma só sepultura! . . . Com a nova da sua morte, que logo nessa tarde se espalhou em Toledo, os parciaes de D. Henrique se amotinaram, e a seu exemplo outras cidades: para lá do Guadarrama (1) tudo está em armas.” —

—“E agora [di-se o conego, resumbrando-lhe na physionomia vivacidade superior a seus annos] o que farão os leaes castelhanos, que proclamaram o monarcha D. Affonso 12.^o depois do descachimento de D. Henrique?” —

—“Vão reconhecer soberana a infante sua irmã; corôa-la hão rainha de Castella e Leão: mas esta princeza corre perigo de cabir em mãos de D. Henrique: é-lhe mister acolher-se a Segovia (2).” —

—“Segovia! [acudiu o ecclesiastico] não sabe que as tropas de D. Henrique estão de posse do alcazar!” —

O aspecto do hospede annuviou-se; disse com voz pesada. —“D. Telles de Bira entregaria a praça?” —

—“— Ao contrario elle é que por traição foi entregue: hontem o degolaram na *alameda*, á vista do povo que se não sublevou para o salvar! Até ao cadafalso permaneceu fiel; e clamou: — Castella e Leão por elrei D. Affonso.” —

O hospede, succumbido com o peso da fatal noticia, encostou a cabeça nas mãos, firmando na meza os cotovelos: o conego, de braços encruzados sobre o peito, orava mentalmente por alma do monarcha mancebo: e durante aquelle silencio ouvia-se a chuva cabir ás torrentes, e ao longe o rebombo enfraquecido da trovoadá. A final pareceu que o hospede tomára uma subita resolução, provavelmente a unica adoptavel na sua critica situação: —

—“D. Antonio de Gusman [disse], aqui vedes D. João Pacheco.” —

—“O grão-mestre de Santiago!” —

—“O proprio . . . como e porque rasão aqui me acho com duas mulheres, mais tarde o sabereis. Quanto ao presente, quereis e podeis dar-nos asylo por alguns dias? . . .” —

—“Posso e quero . . . tome por sua esta casa: pelas ordens sacras que tenho affianço-lhe que estarão aqui com tanta segurança como na melhor praça d'armas d'ambas as Castellás. Estes muros velhos, que parecem abertos em toda a parte, não poderiam ser defendidos á mão armada; mas por detraz desta sala ha uma alcova, cujas entradas não precisam ser guardadas, tão occultas são; ahí se pôde dormir tranquillamente, embora a casa esteja atulhada de inimigos.” —

—“Por esse modo não temos que recear traição, nem sobresalto?” —

—“Obrigo-me por minha vida e alma a que não tereis que temer.” —

O grão-mestre offereceu amigavelmente a mão ao conego para tocar, e com gravidade lhe disse: —

—“A' vossa pessoa me entrego, Sr. D. Antonio de Gusman; acceito a vossa concessão generosa, que é um sacrificio maior que talvez penseis; arrisca-se a vida na empreza que tentei e em que perdendo que entreis . . . tornarei a fallar-vos ainda nesta noite . . .” —

Neste momento entrou Catharina com D. Alonzo; vinha annunciar que as senhoras estavam recolhidas e pediam desculpa de não assistir á ceia.

—“Andaram hoje quinze leguas a cavallo; fadiga espantosa para senhoras costumadas a viajar em liteira e a jornadas curtas” — disse o grão-mestre.

Catharina serviu a ceia, em que se gastou pouco tempo, e sem conversação. D. Alonzo, assentado defronte do tio e do cavalleiro, indagava curioso as duas physionomias austeras e impassiveis, perdendo-se n'um pelago de conjecturas concernentes a tão singular hospede e suas invisiveis companheiras; não se aventurou porem á menor pergunta. Erguida a meza e dadas graças, tomou o padre um castiçal e caminhou adiante, guiando o grão-mestre á camara que lhe era destinada. — D. Alonzo ficou a sós com a velha, e disse para esta: —

—“Juro-vos que esta gente se me parece com os phantasmas dos contos; se não visse o cavalleiro comer e beber, diria que era alguma alma do outro mundo que nos vinha pedir missas. Que modos e cara! que silencio! . . . E as senhoras, Catharina, não quizeram ceiar?” —

—“Tomaram uma simples refeição; cerejas e algum pão.” —

—“E viu-as hem?” —

—“Como estou vendo a V. S.^a” —

—“São moças? . . . São bonitas? . . .” —

—“E muito bonitas [respondeu Catharina com gestos de maliciosa simpleza]; mas não chegam a certa donzella que passeia ás vezes naquellas veigas d'alem, lá no valle, á beira do Eresma . . .” —

—“Não diga mais, Catharina, cale-se . . .” — interrompeu o mancebo o discurso ironico da criada, mas como quem tinha susto ou receios.

—“V. S.^a não pensava que eu estivesse tão bem informada [proseguiu a velha, affinando sempre na mesma clave]; mas pôde estar socegado; Catharina é segredeira; não hade o caso chegar aos ouvidos de S. R.^{ma} . . . Esses amorinhos são fructa da idade . . . quem é que se isentou dessas fragilidades na sua rapaziada? . . .” —

—“Conhece-a . . .” — disse o mancebo por entre dentes, olhando ao mesmo tempo attentamente para a criada, a ver se descubria se na reticencia havia algum sentido occulto, mas fixo.

—“Sim senhor, vi-a, e conheço-a: traz, como as pobres da terra, a saia de bueta alvadia, e a coifa de linho; mas é uma maravilha de formosura, tem uns modos, um ar de corpo d'uma pessoa real; remeda uma senhora da côrte vestida ao disfarce . . .” —

—“Que diz, Catharina? . . . [acudiu D. Alonzo, mas confuso e turbado] é uma donzella de condição bem humilde, bastante timida . . . Ah! que não a verá já á tarde, á beira do Eresma . . . Está ausente daqui . . . Mas era formosa . . . e amava-me! . . . Porque me fallou nella? . . . Não quero lembrar-me de tal . . .” — E dizendo e andando, deitou mão d'uma lanterna pendurada d'uma cor-

(1) Este rio nasce na serra do mesmo nome, corre de norte a sul, e desagua no Tejo 4 leguas abaixo de Toledo.

(2) A respeito de Segovia e seu alcazar ou castello, na Castella a Velha, veja-se a estampa e o art.^o a pag. 149 do vol. 2.^o

rente de ferro, e tomou pela escada, serventia da cella em que dormia a par da alcova do ecclesiastico, seu parente.

2.º

Ao raiar da estrella d'alva, foi D. Alonzo repentinamente acordado por seu tio: entrou este no quarto com a lanterna em uma mão, e na outra um volume como uma mala de viagem. Tinha largado a batina e a capa, e vestira um sobretudo de panno pardo que lhe chegava aos calcanhares, cubrira a coroa com um enorme chapéu d'abas largas, calçara grosseiras botas de caça com esporas que traquinavam nas lagens do aposento. Ao ve-lo assim, D. Alonzo sentou-se na cama, e esfregou os olhos, para aclarar a vista e certificar-se do que tamanha estranheza lhe causava, como homem que não sabe se véla ou está sonhando.

— “Sou eu, Alonzo, sou eu proprio: não vos espanteis, se deixei o santo habito de S. Pedro, que visto ha trinta annos constantemente, para tomar este trajo: assim foi preciso: vou de jornada com o nosso hospede.” —

— “E porque me não leva comsigo?” —

— “Não; ficareis, meu sobrinho, e tomai isto bem de memoria: não sahireis de casa até que eu volte. Á vossa vigilancia confio as duas senhoras, que hontem aqui chegaram.” —

— “Tambem ellas ficam?!..” — disse o mancebo ainda mais admirado.

— “Sim: Catharina as servirá: não tendes precisão de lhes apparecer, salvo quando ellas o ordenarem. Nestes tempos de motins é necessario prever todos os casos: por isso, se os soldados de D. Henrique, ou algum bando desses ladrões que ha tempos infestam o territorio, derem mostra de si junto á nossa casa, advirto-te que será loucura trancar e reforçar a porta e intentar a defensão: dado isto, recolhereis as senhoras á camara escusa, e mandareis a Catharina franquear a casa; supponhamos que investem, deixai saquear, que é o meio de nos livrarmos mais depressa do inimigo. Não vos deslembreis das minhas recommendações, e Deus seja em vossa companhia.” —

— “A benção do céu acompanhe a V. R.^{ma}; não me descuidarei no cumprimento das suas ordens” — respondeu D. Alonzo, absorto com o que ouvira.

Retirou-se o conego sem mais declarações; e dahi a pouco o trote dos cavallos, que lá fóra soava, annunciou a partida dos dois viajantes: e assim que elles desapareceram no fim da azinhaga, cuberta de arvoredo, que vinha dar á casa, o mancebo exclamou: — “Ora eis-me aqui dono e senhor de portas a dentro! Ninguem aqui manda mais que eu! Já era tempo. Não verei hoje o rosto pensativo de S. R.^{ma} e não lhe ouvirei a voz baixa e fanhosa recommençar os mesmos sermões, que me préga ha quatro annos... É verdade que não posso sair; ainda a prisão está fechada; mas, Deus louvado! o carcereiro já lá vai.” —

E pendurou-se da janella, respirando fundamentalmente, percorrendo com a vista o limitado horisonte que o sol nascente allumiava, começando o dia sereno, mas nevoento. A residencia de D. Antonio Gusman estava pouco distante de Segovia, em um valle, cuja verdura contrastava com a nudez arida das planicies da Castella a Velha: esta habitação, vasta, porem muito damnificada, pertencia ao cabido metropolitano de Segovia; e o conego, que nos successos do reinado de D. Henrique representára um papel politico, vivia allí n'uma especie de degredo: todos os aposentos e accessorios da casa tinham certa apparencia monacal.

D. Alonzo esteve por longo espaço á janella, mirando, e refrescando-se com a brisa da manha: aquelle horisonte acanhado era o que sempre via durante quatro annos; tinha os olhos e o pensamento fatigados da monotonia desse quadro permanente, e com a imaginação ultrapassava as barreiras em que batia a vista; adquirira horror á solidão e vida inactiva a que a vontade despotica de seu tio o sujeitára. Confusas recordações, esperanças indeterminadas, desejos inuteis lhe fizeram bater apressado o coração.

— “Ah! o mundo... [disse para comsigo] o mundo fica para alem... por detraz daquelles cerros... Duas passadas, e estaria nelle, e aqui vivo á maneira de monge... Que é preciso a um cavalleiro para manter entre seus iguaes o esplendor de sua ascendencia? Bom cavallo, e forte espada; e com isto se ganha no mundo brilhante e honroso estado, ou se morre nos campos da peleja deixando respeitada memoria. E eu, da familia illustre dos Gusmões, sem curar de gloria nem de fortuna, aqui sepultado entretenho a vida a illuminar estampas de missaes, a lêr os santos padres, e a resar como um eremita... Foi isto o que me ensinaram na casa paterna?... Oh maldito descampado; maldito captivo do corpo e alma! Chegue o dia do meu livramento; e que então me condemne Deus a consumir entre estas paredes negras o restante da existencia se eu tiver a fraqueza de voltar a este sitio detestavel!” —

Acabando estas reflexões, olhou D. Alonzo para o trilho que os dois viajantes seguiram: ainda os raios do sol não penetravam pela folhagem dos carvalhos, mas no fundo do valle, cheio de sombra e silencio, as aguas do Eresma resplandeciam, orladas da vigorosa verdura dos prados: o mancebo deteve sobre as margens desertas a vista pensativa; depois com triste accento e suspirando longamente balbuciou o nome de — Sara!

A voz de Catharina veio distrahir Affonso de suas meditações e soliloquios: a creada atravessava o corredor garganteando o hymno a N.^a Sr.^a de Guadalupe; e á porta parou repetindo este estribilho:

Gira o demo nos caminhos,
D'uma em outra encruzilhada;
Andam no sitio ladrões;
Vigiai, Virgem sagrada:
As estradas resguardai,
E dos pobres peregrinos
O corpo e alma salvai.

— “Bem desejava eu saber [disse D. Alonzo, abrindo a porta] que peregrinação emprehendeu S. R.^{ma}: ouviu dizer alguma cousa, Catharina?” —

— “S. R.^{ma} nem palavra me disse a tal respeito: só me recommendou que executasse á risca as ordens das nossas duas hospedas, e que as tratasse com todo o regalo e primor, e boa comida.

— “Boa comida!.. Só se fór hortaliça e fruta do quintal!.. O nosso passadio é á cartuxa, jejuando quatro quaresmas e as vigílias das festas, isto é, tres quartas partes do anno; e em cima de tanta penitencia, que temos nós de sobras?..” —

A resposta de Catharina foi metter a mão na enorme algibeira do mantéu; e chocalhando produzir um tinido metalico.

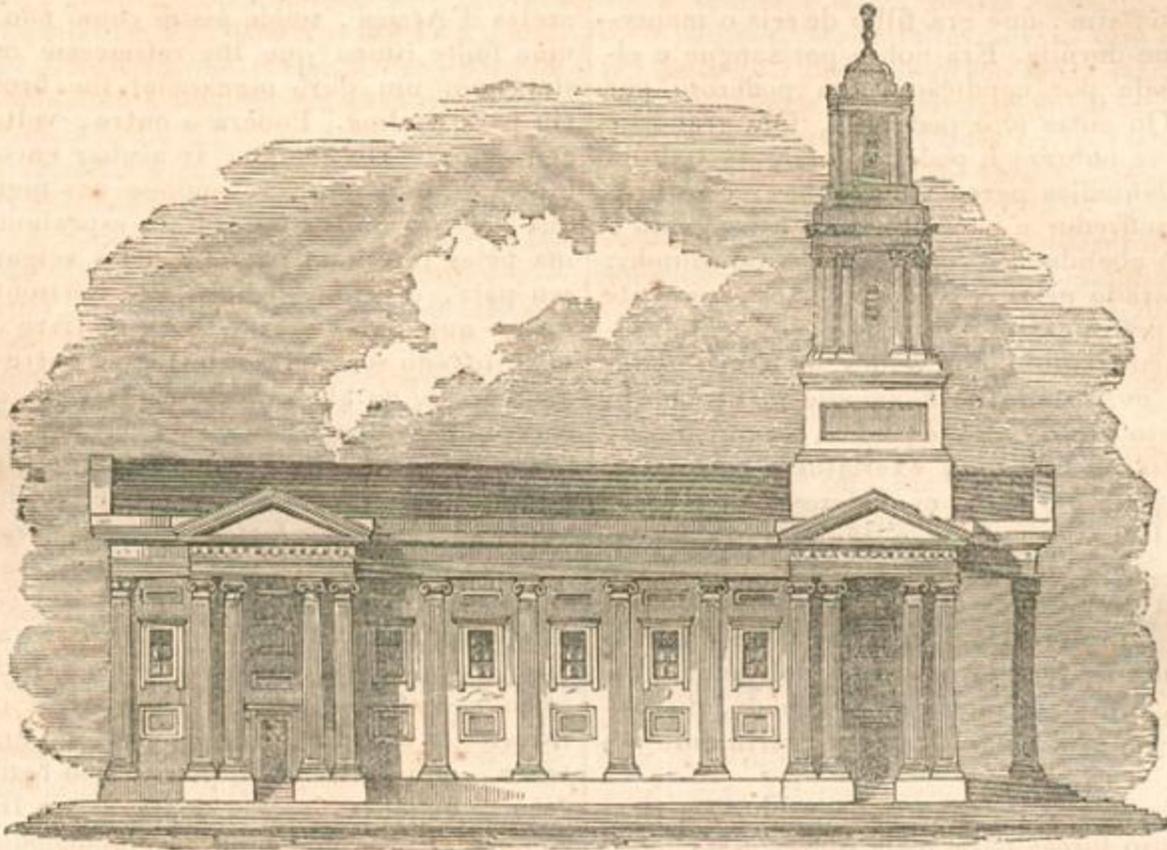
— “S. R.^{ma} deixou dinheiro! [exclamou D. Alonzo estupefacto] Santo nome de Deus!.. onde iria elle adquiri-lo?..” —

— “Não sei, nem me importa [disse a creada]; aproveitar-me-hei desta davida do céu para banque-

tear V. S.^a, como merece. O pastorinho, que anda no valle, irá buscar a Segovia os mantimentos; quero que o Sr. D. Alonzo tenha hoje um jantar que nem um bispo." —E recolheu-se a tratar do arran-

jo caseiro, deixando o mancebo Gusman embebido em novas e profundas cogitações.

(Continuar-se-ha).



IGREJA DE S. PAULO EM MALTA. (*)

AINDA não ha tres annos que a rainha d'Inglaterra, viuva de Guilherme 4.^o, deu um passeio maritimo até Malta, para restabelecimento de sua saude. Durante a sua residencia naquella ilha observou que os subditos britannicos não tinham templo para a celebração do culto reformado, que professam, á excepção da capella do palacio do governo, na qual só havia logares para 300 pessoas, quando o numero de habitantes inglezes sobe a 2000. As tropas da guarnição, compostas de 3:000 homens, assistiam aos officios divinos em um salão das prisões. — A rainha, Adelaide, mandou levantar a igreja que a nossa estampa designa, lançando-lhe a primeira pedra a 20 de Março de 1839. Com muita difficuldade se abriram os alicerces sendo pela maior parte baseados em rochedo solido. A frontaria do edificio deita para o nordeste, com um portico da ordem jonica, e por cima d'elle um baixo-relevo, representando o apostolo S. Paulo sacudindo a vibora da mão para o fogo, immediatamente ao seu naufragio, que se diz ter sido na ilha de Malta [Act. dos Apos. cap. 27.^o v. 3.^o]. — No mesmo frontispicio se collocaram duas imagens de pedra dos dois apóstolos principaes. O campanario terá 130 pés, medida ingleza, de altura, coroando-o o emblema do christianismo — a Cruz. As dimensões da área do edificio excedem as das maiores parochias modernas de Londres: terá capacidade para 1:500 pessoas. — *Extrahido do Penny Magazine de Malta, de 9 de Novembro de 1839.*

O INFANTE SANTO.

2.^a Parte.

[1437.]

I

N'UMA sala baixa, abobadada e humida, jazia um

enfermo desacordado em seu leito de dor. Via-se em suas feições nobres e magestosas estampado caracter profundo de resignação a par dos sulcos com que o soffrimento lhe cavára as faces, e dos bem distinctos signaes d'intimas penas com que a desgraça lhe ulcerára a alma. Á luz frouxa d'uma lampada soturna, que apenas em circulo breve rasgava as sombras e o ar pesado do vasto aposento, dois velhos venerandos velavam á cabeceira do enfermo. Ambos pareciam carregados de afflicção e cuidado, ambos o vigiavam com amor e interesse, e em ambos a dor e a desgraça fizera mais fundos os sulcos do soffrimento e mais expressivos os signaes da infelicidade do que ao proprio enfermo. Alvejavam-lhes a ambos as raras brancas das cabeças e as compridas barbas que exigiam respeito, e pelas frontes dargas de ambos poderia affirmar-se que tinham outr'ora dominado alta e elevada intelligencia; agora porém haviam-lhes os pesares ennegrecido tudo e cerrado e cuberto de rugas a séde espaçosa d'um espirito vasto.

E era bello ver aquelles anciãos veneraveis, que recordavam a magestade dos antigos patriarchas, pendidas as cabeças nobres de cada lado do leito de dor, a espreitarem cuidadosos o repouso inquieto do mancebo que lá dentro a espaços se revolvía nas ancias da febre. — Era grande ver assim aquelles velhos curvados pelos annos, abrigando á sombra de suas caás aquelle de quem talvez tivessem esperado abrigo e protecção. — Era sobre tudo sublime a sollicitude paternal com que ambos á porfia velavam e o vigiavam. Nem o vestido secular de um, nem os habitos ecclesiasticos do outro pareciam differenciar-lhes os sentimentos. Ambos o contemplavam com amor; ambos o zelavam com cuidado; ambos oravam com devoção. Era bello, grande e sublime. Tanto mais que á luz moribunda daquella lampada

(*) Vide ácerca de Malta a pag. 321 do 2.^o vol.

triste; entre grades e pedras nuas; sós e desterrados do mundo debaixo d'abobadas frias e solitárias, sem ninguem que os visse, sem nem uma alma só que se compadecesse e lhes avaliasse o sacrificio, se em tal o havia, não podiam elles ser suspeitados de adulação ou interesse vil.

De adulação? sim: que era filho de reis o mancebo enfermo que dormia. Era nobre por sangue e alma, era grande por condição e era poderoso por nascimento. Ou antes fôra poderoso, fôra grande e fôra nobre, que nobreza e poder e fidalguia tudo lá deixára fôra daquellas paredes medonhas, e só ficára o homem, soffredor e paciente, face a face com a morte, com o abandono e com as penas do mundo; sómente amparado pelas caãs dos anciãos, sómente escudado nos peitos gastos dos idosos, sómente ajudado pelo braço tremulo dos velhos. — E era quanto lhe restava do passado. — E aquelle mancebo alli deitado no leito duro e pobre, só e desamparado, já tivera docéis de brocado, exercitos e cortesãos, já fôra rico e poderoso entre os poderosos da terra.

Mas nunca fôra tão grande e tão elevado na vida. — Nunca, que nunca tão christão, nem tão cheio de santa humildade fôra visto no mundo homem nascido no solio. Deviam fallar delle algumas horas como guia de homens e ardido pelejador e capitão valente. Mas a memoria do resignado, do captivo, do martyr, essa devia ficar em patrimonio aos seculos!

— «Dormide, dormide, meu nobre senhor, e tirai do vosso repouso forças para mais soffrer.» —

Dizia um dos anciãos inclinando a cabeça de modo que quasi recebia em seus labios o halito queimador da febre.

— «Dormide, dormide, filho de Deus e meu filho. Desça a benção do céu ao vosso somno, e digne-se o Senhor de vos conservar essa fé e contricção d'alma que vos hão-de fazer um santo.» —

Dizia o outro, elevando a alma para Deus, e abaixando os olhos para o mancebo.

E o mancebo continuava resfolegando alto e enchendo o aposento com o só ruido do respirar apressado e intermitente.

E o fundo silencio da prisão solitaria continuava a ser muda testemunha daquella scena sensibilisadora e sublime, que sublime lhe poderemos chamar.

Porque o enfermo era o infante D. Fernando de Portugal, e os anciãos o seu *amo* e o seu confessor, que voluntarios o seguiram para o captiveiro; que foram ao encontro da perseguição e das affrontas; e que se adiantaram e disseram á desgraça «aqui estamos»; que deixaram patria e parentes para se arrastarem atraz do que já lhes não podia fazer mercê, e que só de abrigo e consolações havia mister; que embalde viram ao longe sorrir-lhes os amenos campos de Portugal, chamarem-nos os vivos prantos dos seus, estender-lhes os mil braços a cidade de seus pais; que nada escutaram, que a tudo resistiram; ás seducções do orgulho e do amor proprio, ás vozes da natureza e aos desejos dos sentidos; e isto só para trocarem as bellezas do seu clima pelo rigor do céu estrangeiro, os abraços da patria pelos grilhões d'inimigos, as caricias dos seus pelas injurias d'infeis. Podia um voltar a repousar ao abrigo da cruz na sombra do seu claustro, e preferiu o solo arido aonde nem uma cruz se podia arvorar ás claras, e aonde lhe cuspiriam no rosto por abraçar o seu Christo santo. Podia o outro voltar aos estrados dos palacios a pedir premios e honras, e preferiu o ir gastar o resto de seus dias á cabeceira do enfermo na obscuridade e na solidão, cuberto de ignominias, amargurado n'alma, maltratado em sua

crença, pobre, desterrado e esquecido. Podéra um passar em descango a vida que lhe Deus desse, ainda meditando nas alamedas dos seus olmedos patrios, deleitando o espirito e recreando a alma nos seus volumes de sabedoria, e quiz antes ir volver as paginas atrozes do liyro da desventura nas ingratas arcias d'Africa, aonde assim como não acharia nem uma fonte limpa que lhe refrescasse os labios, assim nem um puro manancial lhe brotaria refrigerio para a alma. Podéra o outro, voltando ás margens do seu rio amado, ir acabar encostado aos tumulos de seus pais, revendo-se nas memorias santas que herdára do tempo antigo, espraçando olhos e alma pelas terras da patria, pelas veigas formosas do seu paiz, e pelo puro céu dos horisontes portuguezes, e quiz antes privar-se do ar livre da terra e da viva luz do sol para enterrar-se entre quatro paredes negras, na abobada do captiveiro, que esmaga o coração e suffoca a alma.

Crava os olhos alli naquella scena grande, nobre, e que poderás agora comprehender sublime, ó seculo verdadeiramente de ferro. Vontades duras e tersas, que vos não dobráis para vossos irmãos, marcos de bronze na estrada da vida, automatos que só seguis o caminho da ambição, olhai, olhai para aquelle exemplo. Aqui, agora, e sempre que uma idéa do que foi justo e santo me trazer ao espirito o que vós sois injustos e egoistas, não cessarei de erguer a voz e troar, que para vós e para vosso bem a alevanto. Não te enganes, seculo depravado e individual, és como a estatua do sonbo de Nabuchodonosor. A tua fronte é de ouro, o teu corpo é de metaes valentes, ricos e nobres, mas os teus pés são de barro. O teu mesmo peso te opprime e te póde fazer vergar. Ai de ti, ai de ti, ó seculo, com tuas embaraçadas politicas, com tuas infinitas especulações, com teu seio trahbordando de força e de intelligencia! Ai de ti, ai de ti, ó seculo! Quem sabe se um dia chegará em que se diga sobre as tuas ruinas como sobre as ruinas de Jerusalem dizia o poeta (*) santo: «*Omnnes amici mei dereliquerunt me et praevaluerunt insidiantes me.*» Ai de ti, ó seculo — de novo o repito e não me cançarei nunca de o repetir — ai de ti se te não fazes forte com tua força mutua; ai de ti, se da união não tiras a robustez de que careces!

E estas digressões censuram-nas ou despresem-nas; e ou as leiam ou as ponham de parte; ou as alcunhem com que nome quizerem; falas-hei eu sempre que me vierem a geito, e estende-las-hei emquanto tiver força para bradar, porque não sou escriptor de conveniencias, nem sei adular, nem dobro a consciencia a considerações vaãs das turbas. Poz-me Deus aqui para louvar e animar o hom, para censurar e fulminar o mau. Fa-lo-hei; já desenterrando as memorias dos bons exemplos para as offerecer a todos, amenisando-as com alguns pobres e por ventura já velhos ornatos de meu espirito mesquinho; já soltando rigido e sereno a voz da verdade. Fa-lo-hei. Nem a critica, nem o ridiculo que alguns grasnadores insulsos buscam lançar em tudo o que é grande e nobre, nem o motejar do mundo, nem o tumultuar de espiritos rasteiros valerão a fazer-me arredar um passo. Ha ainda quem me entenda, quem saiba desculpar os erros e pouquidade do mancebo, para só attender á sua doutrina, ha quem ache na minha diligencia as fontes d'um bom desejo e de um pensamento grande, verdadeiro, e enraizado por toda a minha alma. Com esses me congratulo, desses me pagarei, e por esses, ainda que raros, verei honrado o meu nome; porque a

(*) Deixaram-me todos os meus amigos; prevaleceram os que me armavam traições. — Jeremias. — Lamentationes. — I.

minha vida — e por ora, mercê de Deus, posso dizê-lo descoberta e affoutamente — tem sido limpa e clara como as verdades que annuncio. Feliz eu se assim conservar sempre a consciencia, e se a minha voz tiver algum poder!

E agora desculpem-me se tanto fallei de mim.

La adiantada a noite, e ao mancebo enfermo iam fundos os padecimentos do corpo e o soffrer d'alma.

— «Em que altura da noite vamos?» — perguntou o infante tomando a mão de seu amo e apertando-lh'a com ancia.

— «Creio que serão 4 horas andadas — respondeu o ancião, sentindo na força daquelle aperto apertarse-lhe a alma, porque era indicio d'alguma grave dor physica ou d'alguma pungente recordação. — Não deve tardar a manhã — accrescentou elle depois de breve pausa.

— «A manhã! — tornou o martyr. — É verdade que deve saber a manhã para os que a vêem lá fóra — mas aqui! aqui! quem nos dirá se é manhã?... não, aqui é noite sempre — sempre esta humidade que me mata e esta luz morredoura que me calleja os olhos. — Também lá em Portugal surgira a manhã... e como ella é pura e formosa naquella céu azul, naquellas varzeas tão verdes, naquellas aguas crystallinas!...» —

— «Bem-aventurados os que esperam no Senhor.» —

Disse o confessor notando a saudade e magua íntima que ressumbrava das palavras do infante.

— «Mais bemaventurados ainda os que morrem martyres por sua fé.» —

Respondeu o infante, com tamanha crença e tanta doçura e humildade que os dois velhos, que já tinham visto muito e muito chorado, sentiram fundirem-se-lhes as vozes em lagrimas de pura dor de coração.

Passaram-se momentos assim.

— «Credes vós, Fr. Gil Mendes — continuou o infante — credes vós que estas saudades da patria sejam na verdade alguns desejos mundanos, que me venham turbar nestas horas de soffrimento? — Se o credes, padre, dai-me já a vossa absolvição, que vo-la peço com firme proposito de emenda, e nem ha peccado tamanho que a misericordia de Deus não perdoe a quem se arrepende.» —

— «Dai-me vós a vossa benção, senhor — acudiu Fr. Gil Mendes, deitando-se de joelhos junto do leito com tal respeito e veneração como se adorára umas reliquias de Roma — dai-me a vossa benção. Se algum peccador ha aqui que precise das misericordias da igreja tal não sois vós, senhor, que sois um santo de Deus. Dai-me a vossa benção; quem tão perto está do céu, longe de carecer auxilios da terra, cumpre-lhe só o orar pelos miseros que lá embaixo ficaram e abençoa-los.

— «Erguei-vos, Fr. Gil Mendes — acudiu o santo infante — nem a vós cabe tal postura, nem a mim taes palavras. Não sou mais que um triste peccador como todos. Se Deus me deu força maior para soffrer mais, não vem de mim mas d'elle. Delle a acceito como acceitei a porção de tribulações, que foi mercê sua o impor-me cá no mundo. — Essas grandezas da terra, esse tempo que gastei tão frivolamente em vaidades loucas, tudo isso quizera-o agora para o empregar em serviço melhor e mais util practica. E quanto soffrer, será pouco tudo para expiar a morte de tantos valentes que eu enterrei ahí nessas areias. Ai meu padre, pesa-me aqui, tenho sobre a alma um peccado grande, tão grande que peço a vida a Deus para expia-lo cá na terra. O portuguezes, portuguezes — o céu bem o sabe — este sa-

crificio que fiz por vós não vale ainda pelo mal que vos causei... e é por isso, padre, que eu tenho até remorsos por estas saudades que ás vezes me veem do meu Portugal... remorsos, sim; que só devo curvar a cabeça no pó e humilhar minha fronte na terra, e quantas lembranças me ficaram de outro tempo e outra patria, que não seja esta do meu padecer, serão faltas novas, que me embaraçação de seguir desassombrado nesta estrada de tribulações por onde me vou peregrinando... Vós mesmos, vós mesmos, presados amigos d'alma...

E travou das mãos de ambos chegando-as ao peito com força.

— «Vós mesmos sois sem o quererdes dois accusadores continuos e incessantes. A manhã, que se levanta para todos, podéra também erguer-se para vós, poderieis lá na patria, ó amigos generosos, gosar da luz de Deus e do ar dos vivos... e em vez disso... por mim... por minha causa...»

Mais dissera o infante, mas os dois anciãos, que não podiam já com sua commoção, arrojaram as cabeças venerandas sobre o peito escaudando do mancebo, invocaram o nome de Deus para que se calasse, e tanto fizeram com rogos e lagrimas, que as idéas exaltadas do infante pareceram tomar outro curso.

— «Que é a vida senão soffrimento d'algumas horas, que quanto mais atribuladas correrem melhor premio nos alcançarão» — disse elle por fim, e sorria com tal resignação, ao fallar dest'arte, que já mais parecia reinar no céu que padecer na terra.

E assim tinha sido constantemente a sua vida desde que vivia no captiveiro. Tanto no alcaçar de Tangere, aonde primeiro fóra encerrado, como na velha alcaçova de Arzilla em que ora penava: sempre igual e resignado: sempre cheio daquelle profundo pensamento d'humildade que o fazia tão nobre e tão recommendavel.

Raiára a alvorada nos campos de Arzilla, e o funebre aposento era testemunha d'uma scena diversa de todas as que até alli presenciára.

Velava o ancião Rodrigo Esteves, encostado á cabeceira nua do leito, e Fr. Gil Mendes folheava no breviario, que a occultas trouxera, resando os officios da manhã. Nada enfim quebrava o silencio senão o compassado voltar das folhas e a respiração cançada do doente que repousava ou parecia repousar. Subito ouviram-se passos no corredor que para alli dizia, e as antigas portas dobradas e ferradas, descerrando-se pesadamente, gemeram ao voltearem-se nos gonzos ferrugentos. Um homem alto, vestido e armado ao modo arabe, de membros rudes, aspecto grosseiro, e olhos, em que principalmente dominava a ferocidade, entrou seguido d'alguns guerreiros, chegou no meio do aposento escuro, parou e bradou com voz rigida e bravia.

— «Onde está esse baptisado vil?» —

— «Ha aqui uma alma vil — respondeu Fr. Gil Mendes, sem poder conter a sua indignação — mas não é por certo a deste santo que aqui dorme.» —

E indicou o infante.

Çalá-Ben-Çalá, que esse era o arabe, não respondeu á injuria do velho, talvez porque sabia melhor meio de lhe quebrar os animos, mas chegando-se ao leito travou do braço do enfermo, e sacudindo-lh'o asperamente clamou:

— «Vamos, vamos, ergue-te, descrente, tenho que praticar, e mal cabe essa postura a quem ha-de ouvir palavras de seu senhor.» —

O infante assentou-se no leito sem murmurar, cravando os olhos na abobada negra, como para alli buscar o céu, lançou os olhos para o lado, por ven-

tura com lembranças dos seus antigos brios de mancebo, e Fr. Gil Mendes, invocando consigo o nome de Christo, apertou o breviario contra o seio. Aos brutos furores do alcaide respondia o infante com moderação e humildade. — Era mister ter a alma bem rijamente temperada!

— «Christão, estás disposto a cumprir uma ordem minha?» —

Disse o alcaide, buscando ameigar um pouco a voz, porque o que elle ia allí pedir era em seu interesse pessoal.

— «Podes mandar aqui — tornou o infante mansamente — podes mandar aqui, porque estou em ferros teus; mas ordens não m'as podes tu dar, que essas só as recebo eu do meu Deus e do meu rei; nunca porem d'um cego infiel como tu.

— «Mando! — acudiu trovejando o duro Calá-Ben-Calá, que tinha a crueldade por unico principio. — Mando! e pelo Al-Bourak do profeta que has-de obedecer.

No repetir daquellas palavras as abobadas sonoras estrugiram ao longe, e o echo ficou a gemer longamente.

— «Nem califas de Africa, nem almohahedes, nem abencerragens, nem almoravides das Hespanhas tiveram nunca maior nobreza ou mais subidos orgulhos que estes que aqui tenho n'alma. Mando! e o que eu mando aqui assenta-o Allah lá no céu, porque ha-de cumprir-se. Christão, quero que escrevas ao rei teu irmão a pedir-lhe o resgate, e a entrega de Ceuta. Ceuta é minha, é o meu sonho dourado, a huri formosa das minhas vigílias nocturnas. Quero Ceuta. Se tu mandas pedir a liberdade não haverá lá nos teus reinos quem t'a negue, e Ceuta volta a meu poder, porque Ceuta só te póde pagar. Christão, quero que escrevas. Lá dos cerros do Algarve ha milhares d'olhos portuguezes, que se estendem para Arzilla. Teus irmãos desejam-te. Christão, pede o resgate. Quero que escrevas!» —

A voz do alcaide tinha tomado tal vehemencia que bem se via que desejo tinha de recobrar a sua cidade, a sua Ceuta, cuja perda o tinha manchado com tamanha nodoa, e tanto lhe doía n'alma, que não haviam lagrimas nem sangue de christãos que o fartassem.

A resposta do infante foi qual devia de ser a de um filho de D. João 1.^o, a de um heroe e d'um santo. Nem se lhe alterou a voz, nem se lhe commoveu o semblante. Aquelle rosto cavado pelos tormentos e pela doença; aquella tez branca e desbotada, como o lyrio do valle acurvado pela tempestade; aquelles olhos emfim, que a febre incendiára, tomaram diante da bruteza rustica do alcaide feroz tamanha expressão, que o infiel, mal que lhe pesasse, teve emfim que ceder ao ascendente de tal e tão sublime vontade.

— «Alcaide, disse elle, quando das mãos dos meus cavalleiros me entreguei aos teus almogavares fizeram-me elles por tua ordem montar n'uma alquilé ridicula, expuzeram-me n'nm logar imminente ás affrontas e á irrisão do mais vil povoléo, incitaram a plebe a que viesse injuriar-me na minha passagem, e atiraram-me ao rosto com as pedras da rua e o lodo dos ribeiros, fizeram-me o escarneo e ludibrio de tudo o que havia em Tangere mais baixo e immundo. Depois quando de Tangere me trouxeste para Arzilla, chamaste os povos para repetir o que já tinham feito. Metteste-me n'uma prisão sem ar. Negaste-me a luz do sol e a vista do céu. Derramaste em cima da minha cabeça a taça das affrontas até a esgotares. Julgaste fazer-me dobrar e ceder; mas enganaste-te, porque eu invoquei

o nome de Christo, e tive força e animo para sofrer tudo. Responder-te-hei agora como já respondi. Se elrei meu irmão, que Deus guarde, achar em sua mente que deve entregar Ceuta, que o faça muito embóra. Mas não praza ao céu que por pedido meu se deslustre uma só das glorias de Portugal e dos padrões da fé. Ceuta é uma e outra cousa, e Ceuta christã vale bem um infante de Portugal. — Alcaide é esta a minha resposta.» —

— «Que lhe tirem leite e luz — bradou o alcaide, espumando de raiva, e sabindo por não poder já ter mão em sua cholera — que lhe tirem leite e luz, e que o sepultem na mais funda e entranhada masmorra!» —

— «Faça-se a vontade de Deus! — murmurou o infante.» —

Os dois velhos oravam juntos, ajoelhados n'um canto do aposento.

(Continúa.)

As pandectas. — O manuscripto das *pandectas*, ou código, vasta compilação de leis romanas, que influuiu na maior parte da legislação moderna, teve por muito tempo o nome de *pandectas florentinas*. O original achou-se, pelos annos de 1150, no saque de Amalfi; e o imperador Clotario fez delle presente á cidade de Pisa: quando esta foi tomada pelos florentinos passou para Florença e o depositaram no palacio da republica, em um gabinete ornado magnificamente: ao volume fizeram uma capa de côr de purpura, com chapeamento e fechos de prata e ornatos nos cantos, do mesmo metal, segundo o gosto proprio daquelle tempo. Confiaram-no á guarda dos religiosos bernardos, que só o mostravam em certos dias do anno, como se foram reliquias sagradas; o principal magistrado assistia á cerimonia, com a cabeça descuberta, assim como os frades, que que nesse acto compareciam com tochas accesas.

A pag. 374 do 2.^o vol. démos noticia da raridade e estima, em que eram tidos os livros na idade media, tanto n'outros paizes, como em Lisboa, onde o Dr. Diogo Affonso legou em seu testamento que os livros que deixava a um collegio estivessem nas casas do mesmo presos com correntes, para os não levarem. Calcule-se o beneficio da fecunda arte typographica, que não ficou reduzido á divulgação das *pandectas*!

Manufactura d'alfinetes. — A fabrica maior deste genero em Inglaterra é a de Lachford, em Lancashire; quando trabalha em cheio, emprega mil pessoas, entre homens, mulheres, e rapazes: produz por semana quinze a dezeseis milhões de alfinetes.

HA UMA preocupação antiga contra quem possui memoria feliz, porque suppõe-se que não poderá conter e coordenar todas as suas reminiscencias; presume-se que um espirito, franco a tantas impressões, será vão; e que se carrega de alheias idéas, por não as ter proprias: mas a experiencia com grandes exemplos contradiz estas conjecturas: por tanto o que podêmos rasoavelmente concluir é que a memoria para ser prestadia deverá ser na proporção do talento, para se não incorrer nos dois extremos; falta ou excesso. — *Vauvenargues.*

OS VICIOS nos moços podem ás vezes ser corrigidos ou substituidos; mas nos velhos são inimigos encastellados, que só a morte póde expugnar.